

atlas de **RELACÕES INTERNACIONAIS**

NÚMERO 12

JAPÃO, A TERCEIRA POTÊNCIA ECONÔMICA DO MUNDO

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspecto Geo-Econômico. 2 — Formação Geo-Histórica.
3 — A Indústria Japonêsa. 4 — A Política Exterior do
Japão. 5 — Interesses no Brasil 2

O CHILE CONTEMPORÂNEO

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Feições Geofísicas. 2 — Feições Geopolíticas. 3 — Desen-
volvimento Econômico. 4 — Evolução Política e Social.
5 — As Últimas Décadas 13

A REPÚBLICA DE SAN MARINO

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Formação Histórica. 2 — Aspectos Geo-Econômicos e
Políticos 21

JAPÃO, A TERCEIRA POTÊNCIA ECONÔMICA DO MUNDO

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Aspecto Geo-Econômico

“País do Sol Levante”, em chinês “Ja-Pen”, o Japão é país estabelecido num arquipélago do Pacífico, na costa oriental da Ásia. O arquipélago forma um arco que se estende por 2 400 km (a distância do Rio a Belém); além das 4 ilhas principais — *Hondo*, *Sikoku*, *Kiu-Sin* e *Hokaido*, fazem parte do arquipélago perto de 4 000 pequenas ilhas e ilhotas. No seu conjunto, o Japão tem uma área de 369.000 km², mais ou menos equivalente a do Estado do Maranhão (328.663 km²).

Essas ilhas são percorridas por *relêvo de natureza vulcânica*; dos 198 vulcões, 58 estão em atividade. Juntando-se a êsses cerca de 250 picos, com altura acima de 2.000 metros, tendo o *monte Fuji* (3.776 metros) como o mais alto, a zona montanhosa do Japão abrange 85% da área total do país. Sabendo-se que a região montanhosa é, de um modo geral, inabitável e estéril, deixando 16% da superfície total para o aproveitamento agrícola, mais de 40% da população vive aglomerada em apenas 1% do território.

Com uma *superfície agrícola* que não chega a 60.000 km², a maioria das fazendas locais são minifúndios, com área inferior a 1 hectare. Nesta pequena parcela de terreno, o agricultor japonês trabalha como verdadeiro jardineiro, a fim de obter rendimentos elevados.

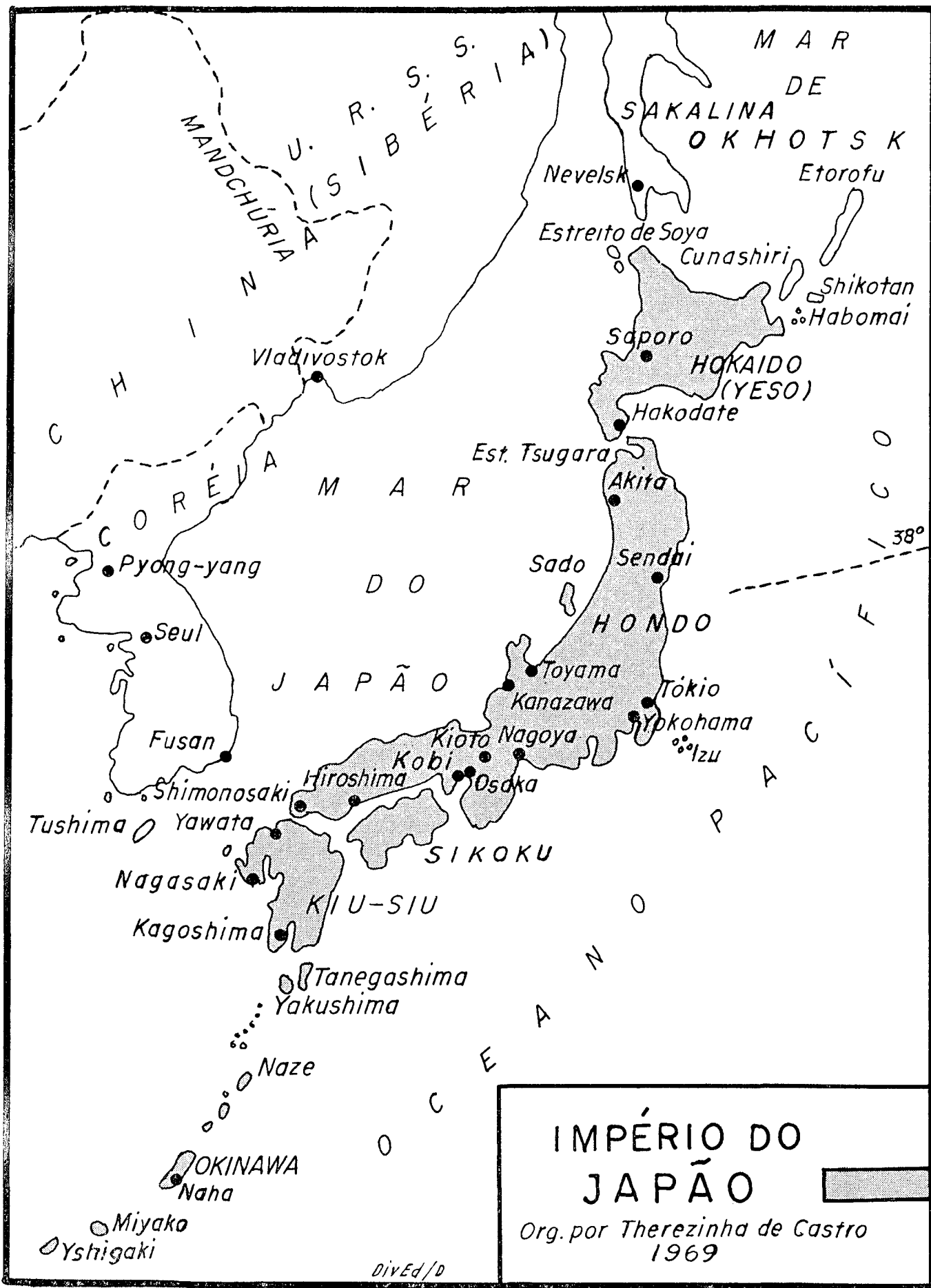
Em áreas tão pequenas, torna-se difícil o emprêgo de tratores e máquinas agrícolas de grande porte; a exceção é

notada apenas em Hokaido, onde a terra arável já é mais farta. De um modo geral, com o auxílio de bombas elétricas, o terreno é bem irrigado, sempre adubado e só são lançadas ao solo sementes selecionadas.

Como as *precipitações* oscilam entre 1.000 e 2.500 mm anuais e, sendo elas mais abundantes ao longo da costa, essas terras são destinadas à *cultura do arroz*, alimento básico da população. O *chá*, bebida preferida do japonês, ocupa as maiores superfícies no sul do arquipélago. As *frutas cítricas* (laranja e tangerina) maçã e morango são também culturas alimentares, ao lado da batata e feijão, praticadas no Japão. Embora o país já consiga se suprir de 80% na demanda do alimento, os japoneses, desde tempo remoto, procuram superar essa deficiência, tirando do mar o seu sustento e tornando-se *um povo ictiógafo*.

Graças à extensão em latitude 22° a 50°, o clima do Japão varia desde as temperaturas bem frias no norte, onde durante o inverno ocorrem grandes nevadas, até o tropical quente e úmido. Encontra-se o arquipélago, no ponto de encontro de *duas correntes marítimas* (Kuro-Sivo e Oio-Sivo) uma quente, vinda do sul e a outra fria, proveniente do norte. Por isso os mares que circundam o Japão são muito piscosos, dando ao país o *1.º lugar em quantidade, na atividade pesqueira mundial*.

Cerca de 64% da pesca japonesa é realizada próxima ao litoral e em alto mar nas regiões pelágicas; a primeira



IMPÉRIO DO JAPÃO
 Org. por Therezinha de Castro
 1969

DivEd/D

em barcos médios (10 a 100 toneladas), a segunda em embarcações maiores (2.000 a 3.000 toneladas), já que os pescadores vão ao continente africano, onde utilizam o arrastão e buscam também o atum, ao redor do mundo, em zonas equatoriais e subequatoriais. Já para a pesca do salmão, caranguejo e baleias, no Pacífico norte e antártico, formam os japoneses grandes frotas, na qual um navio-mãe vai funcionando como verdadeira fábrica flutuante, tratando industrialmente o pescado, que já chega ao Japão enlatado.

Assim, a população ativa do Japão, que é de 47,4 milhões, apresenta 25,5% trabalhando na agricultura e pesca; mas a maior parte, ou seja 32,2% encontra-se ocupada nas indústrias e o restante em serviços diversos, bancos, comércio, funcionalismo, etc

Grande número de japoneses vem, ultimamente, abandonando o campo pelas cidades, graças à *indústria* que lhes oferece melhores oportunidades; *Tokio*, por exemplo, possui em sua área metropolitana 10.869.000 habitantes, sendo a mais populosa do mundo, tomando o lugar que cabia antes a Nova Iorque.

Dentro da conjuntura geo-econômica do Japão, a sua salvação estava assim na indústria. Realizada essa etapa, outra fase se impõe aos japoneses — a ampliação de seus mercados através de um comércio mais seguro, bem como na aplicação dos capitais que conseguiu acumular

2 — Formação Geo-Histórica

A *insularidade do Japão* permitiu-lhe viver isoladamente; mas, por volta do ano 2000 a.C., iniciava suas relações com o continente, quando a *imperatriz Jingo*, conquistando a Coréia, passava a ter *contactos com a China*. Tem início então o que podemos chamar de Japão Histórico: a influência civilizadora da China penetrou, através da Coréia, pacificamente, nas ilhas japonesas, graças aos missionários budistas. Recebiam os japoneses, do continente, os

caracteres formadores de sua escrita e assim, durante vários séculos, as funções de escriba estiveram a cargo dos chineses e coreanos. Aprendiam os japoneses o artesanato da tecelagem, a curtir o couro, a trabalhar o metal e a construir navios. Esses contactos se estenderam até o século IX, quando o Japão, isolando-se com as experiências externas que adquirira, começou a formar a sua civilização própria.

No entanto, embora copiando as instituições da China dos Tang, o governo imperial japonês não conseguiu formar uma classe de letrados, posta a serviço do Estado, que lhe permitisse por fim às forças e ambições da velha aristocracia. Assim, a luta constante entre as principais famílias japonesas para deterem a hegemonia do poder, enfraqueceria a autoridade central do imperador, implantando uma espécie de *feudalismo à moda oriental* no país. É o chamado *período do Shogunato*, implantado a partir do século XI; nele, o *shogun*, sem destronar a dinastia reinante, governava as províncias auxiliado pelos *daimios*, espécie de vassallos que, por sua vez, tinham a seu serviço os *samurais*, guerreiros sempre prontos para a luta, respeitando cegamente as normas do *bushido*, espécie de código de honra. Nota-se, neste particular, um *contraste marcante entre as histórias do Japão e China*: o primeiro constituiu-se como nação guerreira e a segunda como nação de letrados; o primeiro manteve-se isolado pelo mar e protegido das invasões, enquanto a segunda, país continental, não as pôde reprimir

Em 1543 os *portuguêses* buscaram, em sua expansão comercial, contactos com o Japão; introduziram no arquipélago *missionários jesuítas*, que converteram muitos japoneses, principalmente no sul; foram também os introdutores das *armas de fogo* no arquipélago. Reconhecendo que o cristianismo era uma força tão explosiva quanto as armas portuguesas, o shogun expulsou estes e proscreeu-lhes a religião. Assim mesmo, durante a era das grandes nave-

gações, quando todos os continentes se integravam no comércio intenso iniciado pelos portugueses, o *Japão conseguiu viver em certa reclusão*. Se aceitaram comerciar com os holandeses, através da *Companhia das Índias Orientais*, obrigavam seus navios à quarentena na ilha de *Dexima*, de onde então podiam controlar tudo.

A ruptura do Japão com o mundo exterior durou, assim, mais de dois séculos até que, em fins do século XVIII e princípios do XIX, inicia-se grande pressão por parte das potências europeias, para que fôssem os *portos japoneses abertos ao comércio*. Em 1854 o *Comandante Perry* conseguia firmar um tratado de amizade entre os Estados Unidos e o Japão; tratados semelhantes conseguiam a Rússia, Inglaterra e Holanda. Em 1858, firmavam-se os acordos comerciais, nos quais a França também conseguia se incluir. O contacto com os estrangeiros minou a estrutura feudal; aproveitando-se da pressão das correntes sociais e políticas, o *imperador Mutsuhito conseguiu restabelecer o efetivo poder central* (1868). O Japão tornava-se um estado monárquico fortemente centralizado até que, em 1889, o país obtinha a sua Constituição.

Coube ao *geopolítico alemão Haushofer* definir o Japão como nação de face dupla — uma olhando para a Ásia e a outra para o Pacífico. A restauração do poder imperial, denominada a *era do Meiji*, viria definir o destino geopolítico que o Japão se impôs naquele momento. Mantendo-se como *nação guerreira*, característica que se firmara durante o período feudal, pôs em prática essa energia e força no exterior. Conseguiu em duas guerras — *contra a China* (1894-1895) e *Rússia* (1904-1905) mostrar todo o seu poderio e iniciar a política expansionista, incorporando a Coreia, a ilha de Formosa, parte meridional da Sakalina e estender sua esfera de influência à Mandchúria.

Com a era do Meiji nascia o Japão moderno, embora conservando suas características próprias. A *disciplinada so-*

iedade feudal conservou-se obediente e respeitosa da hierarquia, embora abolido o antigo sistema de classes. Por isso, embora o Japão entrasse no *período da revolução industrial*, que deveria acarretar mudanças sociais profundas nos demais países, o capitalismo moderno japonês edificava-se tendo como base os laços feudais. Assim, os clãs mais ricos transformar-se-iam, aos poucos, nas grandes organizações industriais japonesas e, por ocasião da 2.^a Guerra Mundial, mais de 80% dos *capitais nacionais pertenciam a cerca de 15 famílias* (Zaibatsu, Sumitomo, Mitsui, Mitsubishi, etc.). Afirma-se, por isso, que o Japão industrializou-se, entrou na fase capitalista, respeitando a hierarquia social; os antigos senhores, transformados em homens de negócio, equivalem aos dáimios (suzeranos feudais), possui ainda o seu clã formado pelo operários, agentes, contra-mestres, engenheiros, etc. constituindo os samurais (vassalos) dos tempos modernos.

A par dos contactos que mantinha com o ocidente, vivendo a *política da paz armada*, o Japão também aperfeiçoava o seu sistema militar. Na 1.^a Guerra Mundial, graças à aliança que mantinha com a Inglaterra desde 1902, lutou ao lado dos aliados. Depois, *necessitando de espaço vital*, o Japão aderiu ao bloco Alemanha e Itália, com os mesmos objetivos na 2.^a Guerra Mundial. Capitulando, esteve ocupado o país pelo exército estadunidense, sob o comando do General MacArthur; recuperando sua soberania em abril de 1952, ao entrar em vigor o *Tratado de Paz de São Francisco*.

Após o desastre de 1945, o Japão deixava de ser potência militar para se tornar a 3.^a *potência econômica do mundo*, após os Estados Unidos e Rússia. A *Constituição promulgada em 1946* tornava o imperador “símbolo do Estado e da unidade do povo”. O preâmbulo da Carta Magna declara textualmente: “O Japão renuncia à guerra como um direito soberano. Renuncia também à ameaça ou ao uso da força

para solucionar controvérsias com outras nações". *Monarquia parlamentar* o poder executivo é exercido pelo Primeiro Ministro. Três são os principais partidos que dominam a composição das Câmaras dos Deputados e dos Conselheiros. O primeiro, majoritário é o *Partido Liberal Democrático*, o único conservador lutando pela iniciativa privada e livre empresa que atendam aos interesses públicos. O *Partido Socialista* opõe-se ao Tratado de Cooperação Mútua e Segurança, firmado entre o Japão e Estados Unidos (1951), pois defende uma política neutralista. O *Partido Social Democrata* combate as ideologias extremistas da direita ou da esquerda, advogando política independente, sem preferência por qualquer país estrangeiro (quadro 1)

QUADRO 1

Composição Política Partidária
(29 de janeiro de 1967)

PARTIDOS	Câmara dos Deputados	Câmara dos Conselheiros
Liberal Democrático	277	140
Socialista	140	73
Social Democrático	30	6
Komei	25	20
Comunista	5	4
Independentes	9	5

3 — A Indústria Japonêsa

A partir de 1868 o Japão começou a importar da Europa máquinas aperfeiçoadas e engenheiros, com os quais tomaram conhecimento das técnicas modernas; aos poucos, com seu espírito inventivo e minucioso, foram aprimorando processos de fabricação.

Os atuais *complexos industriais* estabelecidos no Japão, em muito diferem dos estabelecidos na Europa e Estados Unidos. Ao lado das grandes empresas japonêsas (representando o castelo forte feudal, o shiro), subsistiram pequenos artesanatos familiares, que trabalham muitas vezes para a fábrica principal como subsidiários, entregando-lhe peças semi-elaboradas para sofrerem o

processo final da industrialização. No feudalismo europeu o filho do vassalo costumava passar certo período no palácio do suzerano até ser armado cavaleiro. No Japão esse fato pode ser comparado às filhas dos pequenos artesãos quando trabalham nas grandes fábricas, constituindo a maior parte da mão-de-obra, vivem nessas fábricas durante vários anos, alojadas em pensões especiais, onde são alimentadas e educadas até que, tendo certa soma em dinheiro, regressam ao clã paterno. Tendo mão-de-obra abundante, por ser país superpovoado, o japonês se contenta com pequeno salário, daí os produtos industriais poderem ser vendidos a preços inferiores aos dos demais países concorrentes

Antes da 2.^a Guerra Mundial o Japão dedicava-se exclusivamente às indústrias leves. A transição para a *indústria pesada* teve início em 1930, quatro anos após a chegada ao trono do atual imperador Hiroito; acelerando-se pouco depois em virtude do esforço de guerra. O *segundo conflito mundial destruiu muito o Japão*. Além de ter dizimado 1/5 do seu exército (1.500.000 homens) viu desaparecerem 688.000 civis, dos quais 1/7 dos habitantes de Tokio. As *duas explosões atômicas*, em Hiroshima e Nagasaki eliminaram mais de 100.000 pessoas. Além de ter 40% de suas cidades destruídas, o mesmo aconteceu com 30% das centrais térmicas, 58% das refinarias, 30% das usinas e 80% de sua marinha. Perdeu ainda o Japão vários territórios (Formosa, Coréia, Kurilas, o sul da Sakalina, o Mandchukuo, o Kuang Tung, e várias ilhas no Pacífico) perfazendo um total de 45,5% do seu território.

Assim, de 1945 a 1952 o país, *auxiliado financeiramente pelos Estados Unidos*, passou pela fase febril da *reconstrução* para entrar, em seguida, no período da *consolidação*, que se estendeu até 1959. Neste ano alcançava o 3.^o estágio já completado, quando as indústrias químicas, a petroquímica e a produção de máquinas pesadas, colocaram o Japão entre as primeiras nações industrializadas do mundo.

Além de precisar importar alimentos para a sua numerosa população, privado das principais matérias-primas, a *indústria japonesa depende em grande parte do estrangeiro*. O carvão tem que ser importado, já que o extraído de Kiu-Siu não é de boa qualidade. Embora possua hulha branca, não tem petróleo. No passado utilizavam como força motriz a água, hoje as usinas e barragens ainda se sucedem ao longo dos rios que correm em cada vale japonês, formando numerosas corredeiras e cascatas. O Japão já foi o 1.º país do mundo pela supremacia que apresentava de energia hidráulica sobre a térmica; aos poucos a situação foi se invertendo. Em julho de 1966 a "Japan Atomic Power Generation Co. Ltd." instalou os primeiros fornos atômicos para a produção comercial da energia nuclear.

O comércio exterior é vital para o Japão, pois somente a sêda constituiu-se em matéria-prima nacional empregada no setor industrial, seguida pelo peixe, que alimenta a fabricação de conservas e da madeira retirada, em parte, das florestas que cobrem o Japão, utilizada na confecção do rayon.

A ausência de matérias-primas não desencorajou o surto industrial japonês; muito pelo contrário, pois o país insular tratou de dotar-se de poderosa *marinha mercante* que lhe assegurasse o fácil comércio de importação e exportação. Assim, a construção naval no Japão ocupava, em 1966, o 1.º lugar, correspondendo a 57% do total mundial. Entre os tipos construídos pelos estaleiros japoneses têm tido preferência, nos últimos anos, os chamados "bulk-carriers" e os cargueiros mistos de petróleo e minerais. O aparecimento de petroleiros de grande tonelagem data de 1962 quando a "Sasebo Heavy Industry" lançou o Nisho-maru (130.000 toneladas de pêsos); em 1965 o record era superado pela "Ishikawajima Harima Heavy Industry" com o Idemitsumaru de 209.000 toneladas que já perdeu para os de 380.000 toneladas. Assim, o Japão lidera hoje a construção naval mundial.

Vendendo unidades de 15 a 20% mais barato que a de seus competidores ocidentais, a superioridade construtora naval japonesa está comprovada, também, pelo fato de que a tonelagem construída anualmente por um trabalhador é de 58 toneladas brutas; seguem o Japão, a Suécia com 47, a França com 34, a Itália com 33, a Alemanha Ocidental com 26 e os Estados Unidos com 21.

Em 1967 a marinha mercante japonesa contava com 7.000 unidades, das quais 3.251 cargueiros e 1.566 petroleiros; tais números colocam a frota comercial japonesa em 3.º lugar, depois dos Estados Unidos e Rússia.

Valendo-se de sua frota mercante, a importação de petróleo cru vem aumentando no Japão de ano para ano (quadro 2); o consumo japonês de produtos petrolíferos (m³) cresceu de 1966 a 1967 em mais de 19,6%. Em 1963 o Japão ocupava o 6.º lugar entre os principais consumidores de petróleo do mundo; hoje é seu o 3.º lugar, logo após os Estados Unidos e Rússia. A grande diferença está em que os dois países detentores dos primeiros lugares, possuem reservas petrolíferas em seus territórios, enquanto o Japão só produz 2% do óleo bruto de que necessita. O aumento constante do consumo de energia coloca, cada vez mais, os japoneses na dependência do petróleo; em 1965, 66% da energia total consumida no país foi fornecida pelo combustíveis importados, principalmente o petróleo.

QUADRO 2

Importação Japonêsa de Petróleo Cru
(Unidade 1.000 ton.)

PAÍS	1965	1966
Iran	17,539	27,620
Koweit	22,021	20,817
Arábia Saudita...	15,546	17,397
Zona Neutra (Koweit-Arábia-Saudita)	12,237	15,853
Indonésia	6,177	6,182
Iraque	6,485	5,241
Rússia	2,609	3,283
Outros	1,000	1,567
TOTAL	84,143	99,336

Segundo cálculos da *Comissão Investigadora da Energia Integral*, o país necessitará de 219 milhões de toneladas métricas (convertidas em termos de petróleo) para o ano de 1970, registrando um aumento de 50% comparativamente a 1965, quando se consumiu 145 milhões de toneladas.

São bem *limitadas as participações japonesas nas companhias produtoras de petróleo* no Oriente Médio e Sudeste Asiático, embora o govêrno se esforce nesse sentido. A parte de produção da "*Arabian Oil Company*", situada no gôlfo Pérsico, sociedade de interesses japoneses, representa menos de 1/7 do total que recebe do Oriente Médio. As reservas, bem menos importantes, de *Sumatra* também é provida por uma companhia de capitais japoneses em associação com o Estado

Apesar das dificuldades relatadas pode-se estimar a importância da indústria petrolífera no Japão, que possui 19 empresas para a refinação do produto, empregando 36.300 pessoas.

Em 1968 o Japão ocupava também o 3.º lugar (depois dos Estados Unidos e Rússia) no campo da *indústria química*, passando a frente da Alemanha Ocidental e Inglaterra. No Japão os produtos químicos orgânicos ocupam 64% do total, correspondendo o resto aos inorgânicos. Contribuíram para o aumento de produtos químicos orgânicos o uso dos artigos sintéticos, de fibras e borracha, em geral; já o setor químico inorgânico está ligado ao mercado doméstico de tintas, detergentes sintéticos, maquinaria, cerâmica, vidro, cimento, etc.

A indústria química japonesa dedicou-se, principalmente depois da 2.ª Guerra Mundial, à produção de fertilizantes para, dentro do plano de recuperação nacional, promover o aumento da produção de alimentos, ainda insuficientes ao consumo interno. Cerca de 380 empresas japonesas dedicam-se à indústria química; as 5 maiores (Sumitomo, Mitsubishi, Showa-Denko, Ube-

Kossan e Meitsui-Tatsu) produziram 15% do total nacional, indicando que a *capacidade de produção não se concentra nas grandes empresas*. Essa produção competitiva, além de proporcionar a redução dos preços, incentivou a pesquisa de novos equipamentos mais econômicos e de maior rendimento.

Com as inovações técnicas que se seguiram introduziram-se os japoneses, a partir de 1955, no campo da *petroquímica*, graças ao interesse das companhias Sumitomo e Mitsui. Várias são hoje as empresas operando neste setor. Uma estreita cooperação foi estabelecida pelas companhias petroquímicas, estabelecidas no *cinturão industrial da baía de Tokio*. Fazem parte do "Complexo Petroquímico da baía de Tokio" três grandes empresas (Sumitomo, Nippon e Tohnen) que farão intercâmbios de matérias-primas através de oleodutos que, por sua vez, atingirão também o local onde atracam os petroleiros.

A *indústria de material rodante* é consumida em cerca de 60 a 70% pelas ferrovias japonesas. A compra futura já está assegurada com o lançamento da Estrada de Ferro Nacional do Japão, do 3.º programa de expansão a longo termo para 1965-1971. O material rodante japonês é exportado para vários países do mundo, inclusive Brasil (quadro 3). Neste setor, porém, a indústria mais próspera é a dos *automóveis*, pois em 1966 dava ao Japão o 3.º lugar entre os principais fabricantes do mundo. No entanto há um problema sério que obscurece o futuro desenvolvimento da indústria automobilística japonesa: a existência de numerosos fabricantes nacionais e conseqüente *debilidade competitiva* com as grandes empresas estrangeiras. Entre as principais empresas japonesas destacam-se a Toyota, a Nissan e a Toyo Kogyo. A alta qualidade dos automóveis japoneses, bem como seu baixo custo em relação aos similares estrangeiros, fizeram dos Estados Unidos, grande competidor do Japão, o maior comprador (quadro 4).

QUADRO 3

Exportações de locomotivas e vagões ferroviários do Japão
(Unidade — mil dólares)

PAÍS	1965	1966
Índia .	14,027	4,512
Austrália	4,520	1,252
Malásia	3,330	1,840
Tailândia	3,222	2,400
África do Sul	1,558	1,487
Brasil . . .	1,552	1,206
Coreia do Sul.	211	11,096

QUADRO 4

Exportação Japonêsa de Carros de Passageiros

PAÍS	NÚMERO DE CARROS	
	1965	1966
Estados Unidos	25 873	54 809
Austrália	23 796	26 080
Finlândia	9 841	8 945
Okinawa	6 553	9 552
Tailândia	4 560	4 767
Filipinas	3 390	5 405
Paquistão	2 015	4 807

O alto padrão técnico do Japão reflete-se na grande procura que os Estados Unidos e a própria Alemanha Ocidental, seus principais competidores, vêm fazendo dos *artefatos elétricos para uso doméstico* (quadro 5 e 6). A indústria de *máquinas fotográficas* já deu ao Japão a liderança mundial, desde 1962, quando esse país ultrapassou a capacidade produtiva e técnica da Alemanha. A *Associação de Pesquisas em Engenharia Ótica do Japão*, elevando o padrão técnico na indústria das máquinas de precisão, vem ultrapassando em muitos setores os aparelhos óticos alemães, que não tinham similares no mundo. Basta destacar neste ponto o seguinte: *os microscópios eletrônicos* japoneses dispoem de sistema de corrente estável contra variações de voltagem e lentes das melhores qualidades; *relógios* que, na competição de cronômetros do Observatório Astronômico de Neuchatel (Suíça), em 1964, obtiveram, através da miniatura de cristal, 6 dos 7 prêmios atribuídos.

QUADRO 5

Exportações de Televisões Japonêsas

PAÍS	NÚMERO DE APARELHOS	
	1965	1966
Estados Unidos..	1 089 000	1 560 476
Canadá.	24 500	73 000
Tailândia	26 900	37 526
Arábia	31 852	33 600
Suíça	12 000	21 723
Alemanha Ocidental	13 500	29 144

QUADRO 6

Exportação Japonêsa de Receptores de Rádio (Unidade mil dólares)

PAÍS	1965	1966
Estados Unidos	104 352	113 417
Alemanha Ocidental	10 016	10 817
Panamá	8 034	13 884
Canadá . . .	5 627	4 677
Formosa (China)	2 976	4 576

A dedicação sempre crescente que o Japão vem demonstrando pela indústria pesada, reduziu paulatinamente a *indústria têxtil* no país. Assim, no período que antecedeu a 2.^a Guerra Mundial, a indústria têxtil japonêsa, que era a mais importante do país, contribuindo com 60 a 70% das exportações, decaiu em 1965 para apenas 18,7%. Para o funcionamento das fábricas japonesas a matéria-prima vem toda do exterior e a lã da Austrália; observando-se que os países americanos por excelência, inclusive o Brasil, são os grandes abastecedores de algodão ao Japão (quadro 7).

QUADRO 7

Importação Japonêsa de Algodão em Rama (Volume — ton. métricas).

PAÍS	1965	1966
Estados Unidos	277 952	201 269
México	157 057	189 495
Nicarágua	72 905	63 140
El Salvador.	53 009	34 862
Guatemala . . .	35 754	31 937
Índia. . .	34 694	24 699
Brasil . . .	25 457	25 834

As empresas japonesas trabalham com *planos de produção e expansão, em bases rotativas, previamente fixadas*. Assim o grupo, agindo em conjunto, planeja do seguinte modo: enquanto a Toijin e a Toyo, principais produtoras de manufaturas têxteis, operam neste campo, as demais unidades do complexo industrial passam a preparar produtos químicos necessários ao bom funcionamento das primeiras. Dêste modo, com raras exceções, atuam dentro do Japão verdadeiros complexos empresariais, agindo na mais estreita cooperação, embora tôdas as companhias sejam inteiramente independentes uma das outras. O *Complexo industrial Sumitomo*, trabalhando dêste modo, com 16 outras companhias, deram especial atenção à produção industrial metalúrgica, maquinarias pesadas, material de mineração e indústria marítima, eletrônica, incluindo-se atividades bancárias e comerciais. Nestas condições, embora importando a quase totalidade da matéria-prima de que necessita, a indústria siderúrgica japonesa é a 3.^a do mundo.

Todo êsse complexo industrial que tornou o Japão atual a 3.^a *potência econômica do mundo*, é, na realidade, fruto de trabalho planejado em conjunto.

4 — A Política Exterior do Japão

Os Estados Unidos contribuíram para a transformação do Japão depois da 2.^a Guerra Mundial, integrando o país no regime democrata parlamentar. Por outro lado, abriram vultosos créditos para que o Japão se reconstituísse economicamente. Nesta situação, o então *Primeiro Ministro Yoshida, alinhou a política comercial japonesa com a dos ocidentais*, por intermédio da “*lei do embargo*”, interditando as suas vendas aos países de economia socialista.

Por ocasião da guerra da Coréia (1950), o Japão, integrado ao grupo oci-

dental, prestou inestimáveis serviços aos Estados Unidos, pela posição estratégica que ocupa com relação a esta península, incluída na zona da “guerra fria”.

Nos dias atuais, essa dependência do Japão aos Estados Unidos já não se apresenta tão marcante. Embora os liberais democratas estejam com 277 lugares na Câmara, onde atuam somente 5 membros do partido comunista, o *Primeiro Ministro Eiasu Sato procura enfrentar o difícil problema de Okinawa*, ilha japonesa que se tornou, depois da 2.^a Guerra Mundial, importante base estratégica estadunidense.*

Visitando em 1969 os Estados Unidos, o *Ministro das Relações Exteriores do Japão Kûchi Aichi* solicitou formalmente a devolução de Okinawa antes de 1972. Isto porque a ilha “símbolo sobrevivente da dominação estrangeira”, serve de pretexto a *demonstrações de protestos* veementes, por parte de estudantes esquerdistas. Os Estados Unidos pretendem manter Okinawa como base aérea e naval, muito embora estejam dispostos a renunciar ao direito de extraterritorialidade e retirar de lá todos os seus projéteis nucleares. Por sua vez, o governo japonês ameaça retirar-se do acôrdo de segurança que assinou com os Estados Unidos a partir de 1971, caso êste país mantenha o “status” presente em Okinawa. Será justamente o problema de Okinawa o *objeto das conversações* entre os dois países, marcadas para novembro de 1969.

Enquanto persiste essa situação, o Japão, já economicamente desenvolvido, procura *expandir seu comércio interno e externo*. Até 1968 o grosso dessas trocas eram feitas ainda com paí-

* Não se conforma também o Japão com a ocupação russa em Kunashini, Habomai, Shikotan e Etonufu. Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 9 — “Okhotsk: ponto nevrálgico no Oriente”

ses orientais não comunistas, com a Europa (Alemanha e Holanda) e na América com o Canadá e Estados Unidos.

Sabemos que o Japão tem que importar quase toda a matéria-prima de que necessita. A madeira, por exemplo, é consumida para cerca de 70% da habitação japonesa. Esta necessidade, cada vez maior, levou o Japão a procurar o mercado russo (1968), com vistas a explorar as florestas siberianas. Assim, após 13 meses de negociações, *Nicolai Patolichev, Ministro do Comércio soviético referendou o acôrdo de Tóquio* (1968). Por êle, o Japão se compromete a enviar máquinas à Rússia no valor de 163 milhões de dólares, durante o período de 5 anos, para receber em troca a madeira siberiana. Mas o acôrdo de Tóquio está deixando inquietos os importadores madeireiros, em virtude dos planos dos Estados Unidos e Canadá de restringirem suas exportações para o Japão; com isto, ficarão os japoneses na mais estreita dependência da Sibéria que se transformará, assim, na sua única fonte de exportação madeireira. Por outro lado, se o acôrdo de Tóquio funcionar bem, como se prevê, as trocas com a Rússia poderão ser ampliadas. Sabe-se que a Mitsui, Mitsubishi e Marubeni-Iida (empresas do nôvo consórcio madeireiro) já estão estudando com a *Fuji Steel Company, planos para a exploração das jazidas carboníferas siberianas*. O plano em estudo prevê a troca de máquinas por carvão; cerca de 440 milhões de dólares terão que ser empregados para a produção de 7 milhões de toneladas anuais de carvão, das quais o Japão importará 5 milhões

5 — Interesses no Brasil

A evacuação de territórios, após a 2.^a Guerra Mundial, trouxe como consequência ao Japão a perda de minas de ferro, bauxita, estanho, bem como de

solos aráveis. O repatriamento de japoneses, saídos desses territórios, agravou o problema demográfico do arquipélago e o *excedente populacional teve que imigrar*.

A imigração japonesa para o Brasil havia se iniciado em 1908, com destino especialmente a São Paulo, para se dedicar à plantação do algodão, chá e arroz. Visando impedir a formação de um "quisto" japonês, o nosso govêrno, principalmente depois da 2.^a Guerra Mundial, procurou beneficiar outras regiões. Assim, grandes levadas de japoneses foram enviados ao Paraná e, sobretudo, para a Amazônia, para se dedicarem à plantação da juta.

A imigração japonesa para o Brasil, embora submetida ao *regime de quota fixa anual*, vem se apresentando sempre em números crescentes. Assim, se em 1910 entraram em nosso país apenas 948 japoneses, cinquenta anos depois, em 1960 instalavam-se aqui 7.746 nipônicos.

O imigrante japonês marcou inicialmente a sua presença no Brasil nos *empreendimentos agrícolas*, tornando-nos auto-suficientes em juta, bem como produtores e exportadores de chá e pimenta da Índia. A "*Cooperativa Agrícola de Cotia*", embora entidade de capitais brasileiros, desenvolveu-se no setor da horticultura-granjeira, graças ao trabalho e técnica do imigrante japonês.

A partir da 2.^a Guerra Mundial, o *intercâmbio comercial nipo-brasileiro* começou a apresentar o seu maior desenvolvimento (quadros 8, 9 e 10). Quanto à cooperação econômica, o *Brasil passou a ser o país da América Latina onde a maior quantidade de capital japonês foi invertido*. As grandes empresas de cooperação capitalista e técnica nipo-brasileira são: a *Companhia Usiminas* de Siderurgia, a *companhia Ishikawajima*, construtora de barcos e a nascente indústria automobi-

lística *Toyota*, já fabricando jipes em nosso país. Além dessas grandes empresas existem uma dezena de companhias de capital misto, formadas no Brasil por industriais de ambos os países. Cumpre-nos citar finalmente a *Companhia de Inversões ADELA*, entidade particular japonesa, contribuindo também para a exploração e desenvolvimento econômico da América Latina em geral

QUADRO 8

Exportações Japonesas para o Brasil
(Unidade — mil dólares)

ARTIGOS	1965	1966
Indústria Leve	1,162	1,612
Produtos Químicos	2,178	3,835
Manufaturas Metálicas	11,665	19,607
Máquinas em geral	5,014	7,586
Máquinas elétricas	3,020	6,105
Material ferroviário	1,552	1,206
Máquinas de precisão	1,219	2,326

QUADRO 9

Exportações Brasileiras para o Japão
(Unidade — mil dólares)

ARTIGOS	1965	1966
Café em grão	4,068	5,593
Azeite vegetal (resíduos)	955	3,890
Milho	456	2,222
Carne Cavalar	544	2,446
Algodão (em rama)	13,565	13,339
Minerais de Ferro	14,579	23,071
Minerais de manganês	3,398	2,125

QUADRO 10

Posição do Japão no Comércio Exterior do Brasil (Volume — mil toneladas)

PAÍSES DE DESTINO	1965	1966	1967
Estados Unidos	4 098	4 972	3 382
Alemanha Ocidental	3 971	3 593	4 991
Itália	2 012	1 422	1 523
Japão	1 060	2 049	2 792
Argentina	1 992	1 625	1 383
Inglatera	1 020	1 146	1 026

FONTE: Panorama de la Industria Japonesa (1968)
BC — Semanal

O CHILE CONTEMPORÂNEO

DELGADO DE CARVALHO

1 — Feições Geofísicas

O Chile é o país sul-americano mais isolado do continente a que pertence: a leste, a Cordilheira dos Andes; ao norte, o deserto de Atacama; a oeste, o *Oceano Pacífico*; quanto ao sul, lá se localizam as latitudes repulsivas. Tôda a sua história, tôda a sua economia, se acham determinadas por esta posição geográfica. Daí também a importância do oceano na vida da nação e a sua vocação marítima. A geopolítica chilena apresenta, assim, um contraste com os demais países do continente, menos dependentes do mar.

O território chileno constitui uma longa faixa, relativamente estreita, entre os Andes e o Pacífico. Sua superfície é de 741.000 km²; o comprimento da faixa é de mais de 4 mil quilômetros, sua largura varia de 170 a 350 quilômetros, máxima na latitude do Trópico.

A configuração vertical do país oferece três zonas paralelas de orientação N.S: a *Cordilheira dos Andes*, a *Planície ou Vale Central* e a *Cordilheira da Costa*. Esta última é de formação geológica mais antiga, de granito e gnaisse, e menos elevada. A cordilheira andina é mais recente, de sedimentos secundários, repousando sobre base granítica e coberta de formações eruptivas intercaladas. No trecho andino chileno-argentino, onde as altitudes de 4 e 5 mil metros são comuns, surgem os três gigantes, o *Aconcágua* com 7 mil metros, o *Tupungato* e o *Mercedário*. Os Andes *Patagônicos* e *Fueguinos*, que terminam no Cabo Horn, vão diminuindo suas costas para o sul, avizinhandose do litoral recortado de fjordes e de pequenos maciços insulares. A ilha de

Chiloé, a península de *Taitao*, os arquipélagos *Wellington* e *Rainha Adelaide*, a *Terra do Fogo* são as principais feições características do litoral meridional.

Os passos andinos são altos e de difícil acesso na parte elevada da cordilheira; raros oferecem passagem abaixo de 2.000 metros. O passo de *Cumbre* da acesso ao *Transandino*, por um túnel a 3.800 metros. O Passo de los Patos, entre o Mercedário e o Aconcágua serviu ao exército de San Martin, em 1817, para tomar de revés os espanhóis que os esperavam pelo passo de Cumbre.

O *Vale Central* é um dos aspectos distintivos da topografia chilena. É uma estreita depressão longitudinal entre os Andes e a *Cordilheira da Costa*, atravessada em certos pontos por lombadas andinas; sua altitude vai diminuindo para o sul; *Santiago*, na meseta, está a 560 metros; Puerto Montt, no sul, se acha ao nível do mar. Em grande maioria, os rios seguem diretamente para o mar, escapando por bocainas cavadas na cordilheira costeira e formando vales transversais.

Os rios chilenos são de pouca extensão; curtos e torrenciais, são pouco navegáveis, arrastam muitos sedimentos e, por vêzes, mudam de leito. No norte os rios são temporários e existem "quebradas" ou leitos de rios formados em tempos geológicos passados; outros se perdem nas areias do deserto. Destaca-se, nesta região, o *rio Loa*, porque alcança o mar. Na parte central, os rios são perenes e mais regulares. Aí se encontra o rio Maipo que recebe o rio Maipocho, que banha Santiago; mais ao sul, o rio Bio-Bio que deságua perto

de Concepción. No extremo sul apresentam-se lagos, como o *Llanquehue* ao pé do vulcão *Osorno*. Os lagos argentinos-chilenos de *Buenos Aires* e de San Martín são drenados por rio, cuja foz constitui fjord.

O clima é sêco no desértico norte. As águas frias da corrente de Humboldt, ou "corrente do Peru", determinam temperaturas mais baixas na vertente do Pacífico, do que na vertente Atlântica da mesma latitude (Antofagasta-Santos). A corrente marinha traz grande quantidade e variedade de peixes. O Chile central goza de clima marítimo, tipo mediterrâneo. Valparaíso, sob 33° de latitude, registra média de 14°C, sendo 17° a do mês mais quente e 11°,5 a do mês mais frio, com 600 mm de chuvas. Em Valdivia a média é de 11°,5 e a chuva sobe a mais de 2.660 mm.

As principais regiões caracterizadas pela vegetação se sucedem de norte a sul: a) *Região Desértica*, de Tacha ao Atacama faltam árvores, só tem plantas espinhosas; b) *Região das Estepes*, do Atacama a Valparaíso, zona de herbais; c) *Região do "Matorrales"* ou capoeiras mixtas nas vertentes, espécies estrangeiras aclimadas (olmo, castanheira, oliveira); d) *Região dos Parques e dos Bosques*, até Chiloé, de matas densas e campinas.

2 — Feições Geopolíticas

A situação geopolítica do Chile no continente, permitiu que a sua história se processasse, até certo ponto, ao abrigo de interferências exteriores. Não tardou, entretanto, êste seu desenvolvimento histórico, iniciado nos moldes da cultura ocidental, de se tornarem necessários contactos mais seguidos com o estrangeiro. Para isso impunha-se o caminho natural, isto é, o *Oceano Pacífico*. Daí a história marítima do Chile. A sua evolução no século XIX é marcada de episódios que comprovam esta vocação, pois são ligados principalmente a atividades de sua marinha.

Se a "velha pátria" proclamada independente em 1810 tivesse disposto de

uma pequena esquadra, em 1814, o Vice-Rei do Peru não teria podido reconquistar a capitania, desembarcando forças espanholas em Chiloé e em Talcaherano para reocupar a região, depois da batalha de Rancagua. Só depois de Maipu, em 1818, foi novamente proclamada a independência.

Para consolidar esta independência reconquistada era necessário ir buscar a vitória no próprio Peru. Com os Estados Unidos e a Inglaterra foram negociadas a compra das primeiras unidades navais chilenas, pois San Martín e O'Higgins julgavam difícil alcançar o Peru pelo deserto de Atacama. Uma fragata (*Lantaro*), uma corveta e bergantins foram postos sob as ordens de *Blanco Encalada* para levar as forças libertadoras ao Peru. Zarparam de Valparaíso, desembarcaram em *Pisco*, bloquearam Calláo e depois de proclamar a independência peruana (1821) em Lima, prosseguiram a campanha que os levou a Junín e Ayacucho (1824).

Quando, em 1866, navios de guerra espanhóis foram atacar o Chile, que havia tomado as dores do Peru, na questão das *ilhas Chinchas*, foi o bombardeio de *Valparaíso* que lembrou ao presidente *Joaquín Peres* a necessidade de não descuidar das forças navais do país. De fato, mandou construir duas corvetas "O'Higgins" e "Chacabuco", as quais, com "Esmeralda e Covadonga", constituíram o poder marítimo chileno.

Quanto à *Guerra do Pacífico*, só seu nome indica a importância atribuída ao mar na vitória dos chilenos, sob a coligação peruano-boliviana de 1879. Para alcançar o Peru nas suas forças vivas, os exércitos do Chile, graças à frota, depois da batalha de *Iquique*, embarcadas em *Antofagasta*, desembarcaram em *Pisagua*, bombardearam Calláo, ocuparam Lima e prosseguiram combatendo pelo interior (Chorillos e Miraflores).

Finalmente, coube à marinha chilena resolver a importante questão da política externa que surgiu em 1891, entre o Congresso e o presidente *Balmaceda*. A esquadra tomou o partido das

duas assembléias legislativas e dirigiu-se para Taparacá, onde se formou uma *Junta de Govérno* que entrou em conflito com o chefe de Estado. As forças da Junta desembarcaram em *Concón*, para em seguida derrotar o exército em *Placilla*.

Tais foram os episódios principais que, no decorrer do século XIX, revelaram o papel representado pelo poder naval do Chile, tanto na política interna do país, como na sua política externa.

3 — Desenvolvimento Econômico

Uma das primeiras medidas tomadas pelo Chile independente, em 1811, foi a abertura dos portos de *Valdivia*, *Talcahuano* e *Valparaíso*, o que muito favoreceu a exportação de trigo e de cobre, que eram os principais produtos do país nos tempos coloniais. As guerras contra os *Araucanos*, necessitando de forças armadas constantes, acarretaram grandes despesas que o vice-reinado peruano tinha de fazer. Os impostos mais importantes eram o *estanco*, pago pelo consumo de tabaco, e a *alcabala*, impôsto imobiliário; ambos foram mantidos pelo nôvo regime. Durante o govérno do general Joaquín Prieto (1831), além de *Portales*, destacou-se o ministro da fazenda *Rengife*, que teve de enfrentar o pagamento de juros dos empréstimos levantados em Londres por O'Higgins para a guerra de libertação. Rengife cuidou do aparelhamento do pôrto de Valparaíso, que passou a ser o *pôrto franco* mais procurado pelos veleiros, contornando o cabo Horn, com mercadorias da Europa.

Do passado semifeudal muita coisa subsistiu na economia chilena. Na repartição das terras, os grandes domínios ainda representam estâncias concedidas aos conquistadores e aos altos funcionários, constituem as atuais "haciendas" e os "fundos". Cêrca de três quintos do solo pertencem a oitocentos grandes proprietários. A técnica agrícola se mantém bastante arcaica. O go-

vêrno promove ativamente a multiplicação da pequena propriedade, pois a lavoura ainda é a principal atividade econômica do país, ocupando cêrca de 30% da população.

A *agricultura* localiza-se principalmente nas terras férteis do Vale Central, entre La Serena e Concepción. São cultivados cereais, especialmente *trigo* que dá rendimentos elevados. Depois de 1932, foi iniciada a cultura do arroz com rápido e considerável sucesso. *Milho*, *feijão*, *batata* são culturas de subsistência; nas províncias do sul e no vale central, a videira deu ensejo ao desenvolvimento da indústria do *vinho*, velha tradição chilena do século XVI; touceiras francesas introduzidas em 1851 deram ótimos resultados e melhoraram as qualidades.

Em 1964 o Chile já produzia mais vinho do que a Grécia ou a Hungria. A *criação do gado* não fornece ao país a quantidade de *carne* de sua dieta, daí a importação da Argentina; mas a importação de ovinos, nas províncias do sul, eleva a mais de sete milhões os seus carneiros, destacando-se nos pampas de Magalhães e da Terra do Fogo, a raça Romney. Do sul, também, as ricas *matas pluviais* da Araucária permitem substancial exportação muito apreciada; a quinta parte do país é domínio das matas. Além de lenhador, o chileno do sul é pescador, devido ao considerável desenvolvimento de suas costas piscosas. Em 1950 o Chile pescava 65 mil toneladas de *peixes*, dez anos mais tarde 213 mil e em 1966, 1 milhão e 300 mil toneladas. As fábricas de farinha de peixe têm-se multiplicado em Punta Arenas, Iquique, San Antonio. A pesca tornou-se, assim, um dos principais recursos do Chile e já lhe permite a exportação

Embora empregando muito menor número de trabalhadores do que nas atividades rurais, a indústria, por excelência, do Chile é a *indústria mineira*. Na produção de cobre, por exemplo, cabe-lhe o segundo lugar entre os produtores mundiais, ultrapassada apenas pelos Estados Unidos. A mineração da

prata foi posterior, iniciada pelos “ca-teadores”, logo depois da independên-cia. No século XIX, Copiapó e *Caracoles* atraíam imigrantes para as minas; mas o cobre datava do século XVIII e co-nheceu altos e baixos na sua explota-ção. Depois de 1915, porém, foram tra-tados minérios de mais fraco teor. Os três principais centros são *Chuquica-mata*, *El Teniente* e *Potrerillos*, onde grandes empresas empregam capitais norte-americanos; Antofagasta e Mejil-lones são seus portos na região norte.

No norte do Chile, no deserto de Ata-cama e regiões vizinhas, foram cedo localizados bolsões de *nitrato de sódio* ou *salitre* que, em 1809, um alemão te-ria descoberto para servir de adubo para solos cansados. Cem toneladas fo-ram exportadas para Inglaterra e de-ram bons resultados. O governo chileno pouco protegeu semelhante exportação, interessado que estava na exploração de *guano*, na região marítima de Iqui-que, fazendo concorrência ao guano pe-ruano das *Ilhas Chinchas*. Mas, a par-tir de 1860, o nitrato chileno foi con-quistando mercados, apesar das difi-culdades de sua exploração em áreas desérticas, sem água, sem vegetação, sem comunicações e com mão-de-obra a colocar, sem meios de subsistência. Quando, na fabricação de *pólvora*, foi o salitre aplicado com sucesso, o con-sumo do produto teve um surto consi-derável, chegando, em 1895, a ultra-passar um milhão de toneladas para adubos e explosivos das grandes potên-cias. A guerra de 1914/18 elevou a 3 mi-lhões de toneladas a exportação. Acon-tece, porém, que a *Alemanha*, bloqueada pelos aliados, conseguiu pelo *processo Haber* extrair do azoto do ar o amônio necessário a seus explosivos; daí a der-rocada da produção. Os países produ-tores de nitratos naturais e de nitratos artificiais acabaram se entendendo por meio de sindicatos e de grupos alemães, ingleses, chilenos e outros. Em 1966 o Chile voltava a exportar seu milhão de toneladas de salitre e de seu sub-produto, a iodina.

Sob o ponto de vista das relações in-ternacionais, o salitre chileno teve im-portância decisiva quando, nos limites imprecisos do *Atacama*, o *Peru* interviu nas empresas chilenas que trabalhavam em terras *bolivianas*. As negociações di-plomáticas destinadas a salvaguardar os interesses chilenos não conseguiram evitar a chamada *Guerra do Pacífico* (1879-1884). O Chile, vencedor, impôs o tratado de Ancón, que lhe reconheceu a parte setentrional do *Atacama*: a Bo-lívia perdeu *Antofagasta* e, depois de quase meio século, Tacna foi restituída ao Peru, o Chile ficou com *Arica* que passou a ser, para a Bolívia, um pôrto franco para o seu comércio (1929).

4 — Evolução Política e Social

A história do Chile apresenta algu-mas feições que contrastam com a his-tória dos demais países hispano-ame-ricanos. Em parte é isto devido aos tipos de *migração espanhola* que lá prevaleceram. Os contingentes mais consideráveis vieram do norte da pe-nínsula Ibérica. Colonizadores primiti-vos foram bascos e catalões; os bascos, principalmente, foram numerosos no século XVII. Quanto aos *aragoneses*, sua emigração para a América foi per-mitida por Felipe II, nas Cortes de Monzon de 1585. Explica-se assim o caráter aventureiro e rude dos descen-dentes dos baleeiros e piratas da anti-ga Navarra. Dêles escreveu Keyserling: “Os chilenos nada têm de latino”. Na sua opinião são “góticos louros” ou “nórdicos na direção do Pólo Sul”. De fato, a sua história reflete o seu tem-peramento.

A independência proclamada a 18 de setembro de 1810 não sobreviveu muito tempo, devido às lutas internas que permitiram a reconquista de 1814, com a derrota de *Rancagua*, restabelecendo, o Vice-Rei do Peru, o *domínio colonial*. O verdadeiro sentido da hora histórica pela qual passava então a América hispânica foi restabelecido em 1817 pelas vitórias de Chacabuco e de Maipu. O'Higgins e San Martin inicia-

vam a fase final da história colonial com a libertação do Peru (1824).

O'Higgins, chileno, filho de inglês, foi um ótimo "chefe supremo", homem de guerra e estadista, mas o seu republicanismo descontentou a aristocracia, e as massas não lhe perdoaram a supressão das corridas e das brigas de galo. Por isso preferiu afastar-se, o que levou o país a um período de constantes lutas e motins (1823-30). Quando surgiu, no ministério, um comerciante que se tinha destacado no partido conservador, *Diego Portales*, o princípio de autoridade se impôs e a república recebeu a *Constituição de 1833*, que devia vigorar perto de um século, comprovando a aptidão chilena a evoluir dentro da ordem e da disciplina. Julgando o governo peruano-boliviano do General *Santa Cruz*, cúmplice de um movimento revolucionário em preparação no Chile, Portales não hesitou em determinar a expedição chilena que derrotou a Confederação em Yungay (1839)

Com a presidência do general *Prieto* havia sido iniciada a série de *presidências decenais*, que se sucederam pacificamente durante meio século, de 1831 a 1881. Foi um período em que dominou o partido conservador. Sob o presidente *Bulnes* (1841-51) foi dado impulso à imigração, principalmente alemã, e criada a Universidade do Chile. Com *Manuel Montt* e seu ministro Varas começaram as grandes obras: estradas de ferro, telégrafos, indústrias, bancos e foi redigido o *Código Civil*. Seu principal ministro foi Varas, cujo nome ficou ligado a este decênio. O sucessor de Montt foi Perez (1861-71), que se ligou ao Peru, à Bolívia e ao Equador para enfrentar a agressão espanhola, assinalada pelo bombardeio de Valparaíso. À *Errazuriz*, primeiro presidente liberal (1871-76) que, em virtude da emenda constitucional, só governou cinco anos, sucedeu *Aníbal Pinto*, cujo governo foi marcado por grandes dificuldades econômicas e pelas complicações internacionais que levaram à *guerra do Pacífico*.

Já se tinham então formado novos partidos políticos para disputar definitivamente aos conservadores o quase monopólio de governo que vinham exercendo desde Portales.

Ligado aos liberais, formou-se o partido radical que levou à presidência *Domingo Santa Maria* (1881-86), estadista que havia servido como ministro da Fazenda de Peres e ministro do Exterior de A. Pinto. Promulgou a chamada "Leys de Registro y Matrimonio Civil" e laicizou os *cemitérios*. Foi muito combatido pelos conservadores e excomulgado pelo arcebispo. Mais do que seus predecessores interveio nas eleições para assegurar sua sucessão a seu ministro do Exterior, o liberal *José Manoel Balmaceda*. Com os recursos consideráveis de suas explorações de salitre e de cobre, depois da guerra do Pacífico, o governo chileno pôde dispor de avultadas quantias para melhoramentos naturais e aparelhamentos: estradas, pontes, hospitais e escolas principalmente. Não dispendo, porém, de maioria liberal no parlamento, Balmaceda se viu, na realização de seus planos, cercado e privado da lei de meios. Inconstitucionalmente, resolveu decretar a aplicação do orçamento anterior (1891). Foi este o protesto do levante que se deu contra o governo de Balmaceda. Apoiada pela marinha, a Revolução instituiu a *Junta do Governo* em Tarapacá e derrotou as forças legais em Concón, fato que levou Balmaceda ao suicídio no dia exato em que terminava seu quinquênio presidencial.

Começou, então, com os seis quinquênios que se seguiram, (Jorge Montt, Errazuriz, Riesco, Pedro Montt, Barros Luco e Sanfuentes), em período de *regime parlamentar*, sem alterar, entretanto, o espírito da Constituição de 1833. O progresso normal do país não foi totalmente paralizado, mas a supremacia do Legislativo sobre o Executivo levou o governo a ser submetido a uma semi-anarquia constitucional pela frequência excessiva de mudanças ministeriais. Multiplicaram-se os partidos, destacando-se o *Partido Radical*. Em

1912, organizou-se o *Partido Trabalhista* e, por fim, veio aumentar a complexidade do Parlamento o *Partido Comunista* em 1920. As tendências reformistas foram, aos poucos, se tornando mais claras e alguma atenção foi dada à educação, principalmente das mulheres.

Sob o ponto de vista internacional, a política chilena, apesar das influências alemãs, coloniais, militares e comerciais existentes no país, manteve-se ligada aos aliados da Primeira Guerra Mundial e resolveu satisfatoriamente suas questões de limites com a Argentina: arbitramentos do presidente norte-americano e do rei da Inglaterra sobre as linhas fronteiras dos Andes (1899, 1902).

5 — As Últimas Décadas

Um movimento reformista muito definido surgiu em seguida à guerra de 1914-18, durante a qual as exportações remuneradas de nitratos e de cobre tinham dotado o govêrno chileno de amplos recursos. A eleição de *Arturo Alessandri*, em 1920, teve o aspecto de uma pacífica revolução social efetuada pelos diferentes setores da classe média. Era a vitória dos *pipiolos* sobre os *pelucos*. O objetivo principal era restituir ao poder executivo do Presidente, as atribuições que o parlamentarismo havia confiscado em 1891. Abria-se, assim, uma nova era na história política e social do Chile, determinada pelas novas condições resultantes da guerra e pela vitória da chamada *Frente Popular* nas eleições parlamentares de 1918.

A *Constituição de 1925* restaurou o regime presidencial, restituindo ao chefe de Estado, com o direito de voto, o efetivo comando das forças armadas e as iniciativas governamentais que tinha exercido durante as presidências decenais. Os mandatos parlamentares de oito e de quatro anos nas respectivas casas, Senado e Câmara, obtidos por eleição popular direta, confirmavam o regime democrático que caracteriza as repúblicas latino-americanas do nosso século.

A aplicação do regime presidencial, entretanto, com a modernização da *Administração Pública*, a elaboração de um *Código do Trabalho* e execução de grandes obras públicas, não deixou de sofrer a crise econômica mundial de 1929-1932. O presidente *Ibañez del Campo* demitiu-se e foi substituído por *Arturo Alessandri*, levado a exercer um segundo mandato (1932-38) no qual o “Leão de Tarapacá” se revelou mais conservador, procurando firmar o regime diante da oposição crescente dos radicais que, aliás, o tinham apoiado na primeira presidência. Em 1938 porém, triunfou novamente a Frente Popular elegendo *Aguirre Cerda* (1938-42), o criador da *Corporación de Fomento* que deu tão marcado impulso à industrialização.

Em 1946, a eleição de *Gonzales Videla*, que tinha sido embaixador no Brasil, parecia ter marcado o triunfo definitivo dos partidos esquerdistas; estavam representadas no ministério tôdas as correntes liberais, mas em 1947, os ministros comunistas foram dispensados, e o próprio partido foi dissolvido, em seguida a greves na região mineira. (R. Avalos — Le Chili). O declínio do Partido Radical, em 1952, permitia a volta ao poder, de *Carlos Ibañez*, apesar da ditadura que tinha exercido em sua primeira presidência.

Em 1930 havia sido organizada a *Falange Nacional* por um grupo de jovens e de intelectuais, sendo *Eduardo Frei* um dos organizadores. Em 1947, o nome do partido foi mudado para *Partido Democrático Cristão* — PDC. Cooperou frequentemente com a *Frente de Acción Popular*, manifestando tendências esquerdistas, mas sempre rejeitando conexões com o comunismo ou com o capitalismo. Sem ser nem da direita nem da esquerda, seu programa é de promover o desenvolvimento econômico e social do país, incluindo a “chilenização” das indústrias mineiras e as reformas agrárias necessárias à repartição de terras aráveis aos camponeses. Eduardo Frei, eleito para o mandato de

1964-1970, conseguiu, apesar dos múltiplos partidos em oposição (1966-1967), apesar da inflação e de outros obstáculos, levar a efeito uma de suas mais recentes operações em matéria de política econômica e financeira. Foi esta a solução a que chegou o seu governo com as empresas mineiras *Kennecott*, em 1967, e *Anaconda*, em 1969. Representam os acordos feitos, uma nacionalização e uma "estatização", ao mesmo tempo. A operação, porém, é realizada

por etapas, com a participação majoritária do Estado numa empresa mista. A estatização de todos os bens das empresas se tornará total em 1972, mas, desde já, aumenta consideravelmente as rendas fiscais sem perder a amistosa cooperação das empresas, evitando assim a expropriação precipitada em condições desvantajosas. Esta vitória do *Partido Democrático Cristão* não deixará de ser assunto de amplos debates nas próximas eleições presidenciais.

A REPÚBLICA DE SAN MARINO

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Formação Histórica

San Marino foi fundada pelo dalnata Marino, cristão convicto que, fugindo à perseguição dos soldados romanos, refugiou-se no *monte Titano*. Trabalhava em Rimini, nesta época, em que Roma era governada por Diocleciano. Morreu em 366 e foi canonizado como cristão-mártir; aos poucos em tôrno do *convento-refúgio*, foi desenvolvendo-se a cidade que tomou o seu nome (885). Nela, San Marino é festejado todos os anos, no dia 3 de setembro.

Durante tôda a Idade Média, a península Itálica estêve bastante esfacelada, povoada por numerosos *estados-feudais* e, entre êles, San Marino. No início do século XIV encontravam-se no norte a Savoia-Piemont, vindo em seguida numerosos Estados, entre os quais se destacavam as repúblicas de Gênova, Veneza e Pisa; o Reino de Nápoles, com a Sicília ao sul, era vassalo do Papa, que dominava a área central da península, incluindo-se San Marino.

Nesta época, San Marino viu-se envolvida na luta entre *guelfos* (Estados italianos partidários do Papa), que se opunham aos *gibelinos* (Estados italianos partidários dos imperadores da Alemanha). Sua independência foi então ameaçada pelos *bispados de Rimini e Montefeltro*, ante a tendência expansionista da Santa Sé. Assim, durante esta luta, San Marino estêve interdita pelo Papa (1247-49). Ficou em seguida sob a proteção da família Montefeltro e, mais tarde, dos *Duques de Ur-*

bino. Resistiu às investidas de *Sigismundo, membro da família Malatesta*, de condotieres italianos que, estabelecida em meados do século XII em Rimini, controlou grande parte da Marca de Ancona e Romanha. Em 1503 foi finalmente ocupada por *Cesar Borgia*.

Sua independência só foi reconhecida pelo *Papa Urbano VIII* em 1631, embora o *Cardeal Alberoni* (1739) a tenha ocupado novamente. Libertando-se no ano seguinte, San Marino teve sua autonomia respeitada por *Napoleão Bonaparte*, quando da invasão francesa na península Itálica. Êste enviou, em 1797, Gaspard Monge, como seu emissário, para que simbolizasse o ato de *irmandade entre "a maior e a menor das repúblicas"*. Mandou que fôsse oferecido a San Marino armas e munições para que pudesse se defender, e também territórios vizinhos para que aumentasse sua área. Recusando todos êsses oferecimentos, San Marino aceitou apenas um donativo em trigo, para poder fazer frente à *crise econômica* que o país atravessava.

O *Congresso de Viena* (1815) manteve, baseando-se no princípio da legitimidade, a independência do pequenino país.

Unificando-se (1870), a Itália respeitou a autonomia de San Marino, regido pela *Constituição que datava de 1295*, mas que hoje já possui várias emendas. Pelo *Tratado de Turim*, assinado a 23 de junho de 1897, transformava-se numa *Republica Democrática*, sob a proteção da Itália.

Durante a 1.^a Guerra Mundial, enviou um exército simbólico de 15 homens, para lutar ao lado dos soldados italianos. Na 2.^a Guerra Mundial proclamou sua neutralidade; sob pretexto de que indiretamente auxiliava os aliados, foi invadida pelas tropas alemãs e libertada pelos canadenses (1944). Em 1946, assinava a paz com a Itália, através de um tratado de amizade ainda em vigor.

2 — Aspectos Geo-Econômicos e Políticos

A República de San Marino, com sua área de apenas 61 km², localiza-se *entre as províncias italianas da Romanha e Marca*. É a menor República do mundo, pois só apresenta área maior que a de Mônaco (1,52 km²), principado encravado na França.

O território de San Marino é montanhoso, pois se encontra no monte Titano, *ramificação oriental do Apenino*; o *pico da Rocca* (749 metros) é o ponto mais elevado da cidade-estado. Liga-se ao *pôrto de Rimini, no Adriático*, do qual dista 20 km, por estrada de ferro eletrificada, por um serviço de ônibus e helicóptero.

Seu *clima* é variado, sujeito a mudanças bruscas de temperatura; no inverno são abundantes as nevadas, e o verão temperado.

A *agricultura* de cereais ocupa as zonas menos onduladas e, porisso mesmo, mais abrigadas; nos declives estão os *campos de criação* de ovinos e os *vinhedos*.

O *subsolo* encerra jazidas de ferro, carvão, mármore e fontes termais; são tôdas pouco explotadas, com exceção das *pedras de construção* que se constituem numa das principais fontes de renda do país.

O *turismo* é a outra fonte de renda. Alguns locais e monumentos podem ser visitados nessa cidade, onde tôdas as ruas são estreitas, tortuosas e, em ladeiras que buscam o alto de um dos

três picos. A *Igreja de S. Francisco* data do século XIV, está bem próxima da porta de entrada da cidade; na praça Pianello ergue-se o *Palácio do Governo* em estilo gótico; a *Catedral "Pieve"* possui o túmulo do santo fundador da cidade; a *Rocca ou "Guaita"*, era a imponente fortaleza que, no passado, defendia a cidade; e o *jardim Borghesi*, espécie de miradouro. Seu pequeno *Museu possui*, como acêrvo, o *estandarte da Legião Italiana de Garibaldi*, personagem que se destacou na revolução Farrroupilha no Brasil e na unificação da Itália, quando perseguido procurou refúgio em San Marino (1849).

Os habitantes de San Marino *falam o italiano e são católicos*. Têm seus selos e moeda própria, muito embora circule no País a lira italiana.

A pequena república está *dividida administrativamente em 9 paróquias*: Serravalle, Monte Giardino, Acquaviva, Faetano, Domagnano, Chiesanuova, San Giovanni, Fiorentino e San Marino.

O Estado é governado por dois capitães-regentes, eleitos solenemente todos os seis meses — a 1.^o de abril e 1.^o de outubro, pelo *Grande Conselho*, composto por 60 membros (20 nobres, 20 burgueses e 20 proprietários). Doze membros, escolhidos entre os componentes do *Grande Conselho*, composto por 60 membros (20 nobres, 20 burgueses e 20 proprietários). Doze membros, escolhidos entre os componentes do *Grande Conselho*, formam o *Pequeno Conselho*, espécie de judiciário.

Os membros do poder legislativo, ou seja, do Grande Conselho, eram, a princípio, eleitos pelos chefes-de-famílias, através do sufrágio direto, secreto e, segundo sistema proporcional. Passaram depois a serem eleitos pela população masculina e, em 1960, as mulheres de San Marino obtiveram o direito de voto, mas não o de serem eleitas. O mandato para cada membro do Grande Conselho é de 9 anos, renovados em 1/3 a cada 3 anos.

Os capitães-regentes são auxiliados em suas funções executivas, por duas *Secretarias de Estado* — a do Interior e a do Exterior.

A República *não possui exército* e as milícias só são organizadas em caso de necessidade; para compô-las, segundo a Constituição, podem ser convocados

os cidadãos de 16 a 55 anos. Possui 19 escolas primárias e 2 secundárias, cujos *diplomas são reconhecidos pelas universidades italianas*.

Assim, a República Democrática de San Marino, fundada para refúgio conventual, conserva sua independência, graças ao seu *isolamento e pacifismo* tradicionais.